

Breves reflexões sobre apontamentos teóricos propostos por Alain Berrendonner: uma abordagem enunciativa

Elizene Sebastiana de Oliveira Nunes

Professora especialista em Linguística e Ensino de Língua Portuguesa pelo Centro Universitário de Patos de Minas, onde atua como docente, e mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais.
E-mail: elizene@unipam.edu.br

Resumo: Este ensaio é fruto de estudos feitos sobre sentido, referência e enunciação. O objetivo aqui proposto é demonstrar alguns apontamentos teóricos de Alain Berrendonner, importante teórico dessa área de estudo. Serão aqui realizadas algumas reflexões de temas bastante recorrentes na teoria da enunciação, como *memória discursiva*, relação de *liage* (ligação) e *pointage* (apontamento) e *macrossintaxe*, dentre outros.

Palavras-chave: Berrendonner. Memória discursiva. Macrossintaxe.

Abstract: This essay is the result of studies on sense, reference and enunciation. The goal here is to demonstrate some theoretical notes proposed by Alain Berrendonner, leading theorist of this area of study. Some reflections of recurring themes in the theory of enunciation, as discursive memory, relationship *liage* (link) and *pointage* (pointing) and macrossintaxe, among others are going to be made.

Keywords: Berrendonner. Discursive memory. Macrossintaxe.

1 Considerações iniciais

Algumas questões que fazem parte dos estudos linguísticos trazem consigo reflexões interessantes a serem realizadas. Entende-se que os apontamentos teóricos realizados por Berrendonner (1990 e 2002) são de grande valia para a Semântica da Enunciação, fazendo pensar a língua realmente como um mecanismo de interação social.

Sabe-se, nessa perspectiva, que a língua não é estática, é mutável e dependente das relações sociais que se estabelecem entre os sujeitos e as condições históricas de sua manifestação. Logo, é preciso um compartilhamento de universos não apenas num aspecto linguístico, mas também num aspecto metalinguístico, no sentido proposto por Bakhtin (2008), como aquele aspecto do discurso que ultrapassa os limites linguísticos.

Em outras palavras, a compreensão de um discurso pressupõe, inicialmente, a existência de uma “comunidade discursiva”, na qual os sujeitos são sempre chamados a compartilhar de um universo que emerge como um arquivo já existente e a reconhe-

cer no enunciado algo que aparece como “se tivesse sido pensado ‘antes, em outro lugar, independentemente’” (PÊCHEUX, 1997, p. 156).

Nesse sentido, este ensaio parte do pressuposto segundo o qual é na relação entre a dimensão material e a dimensão enunciativa que se dá o funcionamento linguístico. Logo, para que haja aproximação entre questões formais (orgânicas) e questões enunciativas, é preciso partir da existência de dois planos para os estudos linguísticos, conforme denota a Semântica da Enunciação: o plano da organicidade e o plano da enunciação. O primeiro situa-se no limite do material e não funciona de maneira autônoma, é o plano das formas. O segundo se faz pelo funcionamento da língua, pelo uso efetivo da materialidade linguística em determinado acontecimento enunciativo.

Conforme define Guimarães (1995, p. 85), “uma semântica histórica da enunciação se constitui no lugar em que se trata a questão da significação ao mesmo tempo como lingüística, histórica e relativa ao sujeito que enuncia”.

É nessas condições que se pode pensar nos conceitos de memória discursiva, ligação, apontamento e macrossintaxe propostos por Berrendonner.

2 Apontamentos teóricos

Uma das discussões pioneiras de Berrendonner perpassa pelos conceitos tradicionais de *frase*, mostrando que é preciso projetar critérios mais específicos e/ou esclarecedores para lidar com os conceitos de *cláusula* e *período*. Para estabelecer esses critérios, o autor entende ser necessário trabalhar com a proposta de explorar no plano da sintaxe repercussões de hipóteses de origem pragmática, sendo essa sintaxe afetada por uma cadeia de informações implícitas, denominadas por Berrendonner de *memória discursiva* (M).

Entende-se ser este um ponto importante da teoria de Berrendonner, visto que, se pensar nos conceitos tradicionais mostrados na sintaxe, há que se pensar a sintaxe numa linearidade simplesmente horizontal, na qual as unidades se alinham harmonicamente. Entretanto, ao seguir os postulados de Berrendonner, vê-se que a sintaxe se dá, na verdade, num processo vertical.

Então, se a sintaxe formal não reconhece unidades que não se alinham harmonicamente na frase, se o acontecimento enunciativo e o suporte material são complexos, podendo uma mesma unidade material ter mais de uma função sintática, é preciso elaborar técnicas que valorizem os aspectos menores, a segmentação da frase, pois o princípio de estudo horizontal da Gramática Tradicional não consegue dar conta disso. Frente a isso, uma tentativa de solucionar essa desarmonia horizontal é criar uma macrossintaxe, recorrendo a hipóteses que se originam na pragmática.

Berrendonner considera que toda interação verbal coloca em jogo uma memória discursiva, um conhecimento compartilhado. Logo, num movimento vertical, o interlocutor ativa a sua memória discursiva nesse processo de interação verbal. Aqui, dá-se, então, uma sintaxe que trabalha com a perspectiva dialógica, em que uma sentença (*clause*) sempre será construída a dois.

É natural do enunciado, como afirma Bakhtin, ter essência dialógica, promover interação, pois “a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social

da interação verbal, realizada através da enunciação” (BAKHTIN, 2006, p. 123). Ou, melhor,

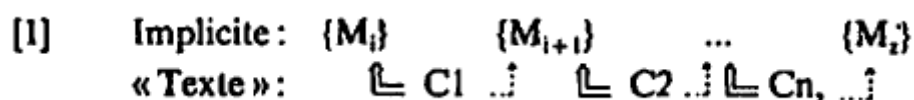
desde o início, [...] o enunciado se constrói levando em conta as atitudes responsivas, em prol das quais ele, em essência, é criado. O papel dos outros, para quem se constrói os enunciados, é excepcionalmente grande. [...] esses outros [...] não são ouvintes passivos mas participantes ativos da comunicação discursiva. Desde o início o falante aguarda a resposta deles, espera uma ativa compreensão responsiva. É como se todo enunciado se construísse ao encontro dessa resposta. (BAKHTIN, 2006, p. 301)

Segundo Berrendonner (1990), é preciso integrar ao modelo da sintaxe do período uma representação de saberes compartilhados entre os interlocutores; ao que ele denomina memória discursiva, nos quais estão registrados todos os efeitos comunicativos produzidos nos discursos e em informações mutuamente manifestas.

Para Pêcheux (1997), a memória discursiva seria aquilo que, diante de um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os implícitos (...) de que sua leitura necessita. No entanto, esta regularização discursiva do implícito é sempre suscetível de ruir diante de novos acontecimentos: a memória tende a absorver o acontecimento. Este desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior. Haveria, assim, sempre um jogo de força na memória sob o jogo do acontecimento. Este jogo de forças busca manter a regularização dos enunciados, mas também pode perturbar a rede dos implícitos.

Assim, como aponta Lacerda (2010), ao discutir a proposta de Berrendonner, a sentença passa a ser compreendida como imersa em uma função comunicativa, entendendo por função comunicativa a dinâmica de operar uma transformação qualquer na memória discursiva.

O esquema a seguir, mostrado por Berrendonner (1990, p. 26) permite uma melhor compreensão:



A partir desse esquema, vê-se que o enunciado é o produto da articulação do texto com um conteúdo implícito. Dessa forma, o discurso nada mais é que um processo cooperativo (reprocessamento) de informações. É visto, então, de forma mais abstrata, designando uma atividade, ou seja, um lidar com a memória discursiva. Consequentemente, o texto é visto como um instrumental do discurso.

Lacerda (2010, p. 5) continua explicando que, segundo o proposto por Berrendonner,

duas sentenças adjacentes, empregadas no mesmo discurso, guardariam uma relação intermediada por um sentido implícito. Assim, se uma sentença C1 evoca uma memória M_i , uma sentença C2, que estaria adjacente à C1, evoca uma memória M_{i+1} , ou seja, uma memória que guarda relações com a memória atualizada por C1, mas que produz deslocamentos. Como resultado dessa articulação sintática, produz-se uma reconfigura-

ção na memória discursiva, gerando M2, que se coloca em estado de latência na memória para ser confrontada em enunciações futuras, Cn.

Ao mencionar-se a linearidade da sintaxe, há que mencionar também as noções de *liaje* (ligação) e *pointage* (apontamento). A ligação é uma relação de aproximação, de concordância, sendo bem aplicada aos estudos convencionais. O apontamento é um processo pelo qual os interlocutores, no acontecimento enunciativo, associam as formas linguísticas umas às outras, valendo-se de informações implícitas.

A fim de entendermos melhor o mecanismo de análise por uma macrossintaxe, vejamos o exemplo a seguir, trabalhado por Lacerda (2010, p. 6-7), em que se tem o título e o lide de uma reportagem sobre a violência contra a mulher:

Em briga de marido e mulher, se mete a colher...

A violência de gênero atinge mulheres brasileiras de Norte a Sul do país, de todas as classes sociais, etnias, credos, raças e opção sexual. Seja por culpa do sistema patriarcal, seja pela falta de debate sobre o tema, o fato é que uma mulher é espancada a cada 15 segundos e dez são assassinadas diariamente no Brasil.

(Fonte: <http://www.recid.org.br/component/k2/item/104-violencia-genero-mulheres-diplo.html>, acessado em 30 de agosto de 2010.)

Conforme demonstrado por Lacerda (2010, p. 6), pode-se dizer que a sentença que dá título à reportagem opera claramente sobre a memória da sentença negativa “Em briga de marido e mulher, **não** se mete a colher”. A sentença positiva produz um deslocamento na memória de dizeres preestabelecida, reconfigurando, assim, uma memória latente em que poderão se fundar dizeres sobre uma atitude efetiva diante das contendas entre homem e mulher. Lacerda (2010) continua explicando que essa reconfiguração da memória ganha pertinência quando a sentença título se articula aos dizeres do lide, construindo, o texto como um todo, um dizer de protesto que estimula uma atitude efetiva diante da violência contra a mulher.

A autora (*ibidem*) acrescenta ainda que devemos notar que esse sentido de protesto é construído no domínio do implícito, é desenvolvido fora da linearidade das sentenças, pois não há articulador algum que relacione a sentença do título às sentenças do lide, embora nós possamos, ainda assim, apreender a informação de que “em briga de marido e mulher, devemos interferir sim, porque, diante da gravidade dos fatos, diante da alta incidência da violência de gênero... uma atitude é necessária”. Trata-se de uma relação estabelecida por apontamento (*pointage*) (BERRENDONNER, 1990, p. 29).

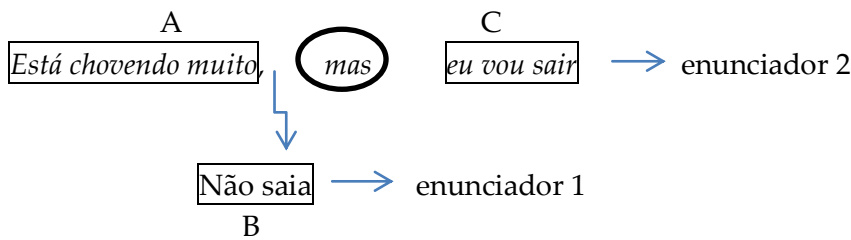
Finalizando, ela mostra que, se a circunstância “Em briga de marido e mulher” liga-se com a proposta de ação materializada pela sequência “se mete a colher” na própria linearidade da sentença, tal circunstância apenas se relaciona com as sequências do lide que trazem os dados de violência, produzindo correferência, por um mecanismo de apontamento. Dessa maneira, tem-se que as sequências “A violência de gênero atinge mulheres brasileiras de Norte a Sul do país, de todas as classes sociais, etnias, credos, raças e opção sexual” e “o fato é que uma mulher é espancada a cada 15 segundos e dez são assassinadas diariamente no Brasil”, sendo alçadas pela expressão “Em

briga de marido e mulher”, se articulam implicitamente também à sequência “se mete a colher”, que é a materialidade do dizer que propõe uma reação diante dos fatos.

Pode-se, ainda, demonstrar outros exemplos de análise na perspectiva da macrossintaxe. Vejamos os enunciados a seguir:

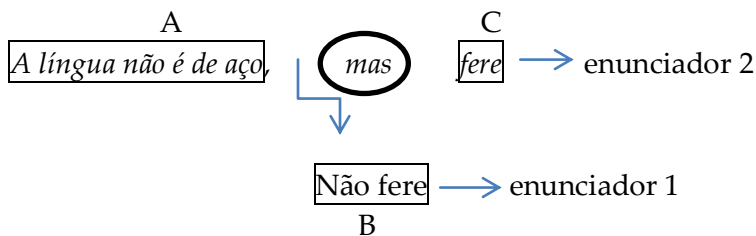
- (1) *Está chovendo muito, mas eu vou sair.*
- (2) *A língua não é de aço, mas fere.* (provérbio)

Para uma análise macrossintática, pode-se assim segmentá-los:



Vê-se que o operador *mas* estabelece uma ligação entre A e C, porém isso não é suficiente para o completo entendimento e para a completa realização do enunciado, pois é preciso que seja apontada a informação “Não saia”, o que se dá no nível dos implícitos, da memória discursiva. Para Ducrot, o *mas* é adversativo por causa da polifonia. Já para Berrendonner, é adversativo por causa da memória (implícito).

O mesmo acontece no exemplo 2:



Poder-se-ia concluir, a partir desse exemplo que, por não ser de aço, a língua não causará estragos, contudo, o conectivo “mas” carrega na segunda oração a verdade imposta pelo enunciador, de que a língua “fere”. Então, assim como no exemplo anterior, o *mas* liga A e C. Já C estabelece uma relação de apontamento com B para se entender a relação adversativa presente no enunciado.

A partir disso, vê-se que, como aponta Lacerda (2010, p. 7), é preciso efetivamente pontuar que “o implícito está enraizado na materialidade, ele exige a organicidade da sentença para se alçar. Sem essa materialidade não haveria ancoragem sobre a memória e nem deslocamento de memória. A memória é resgatada pela linearidade sintática e se projeta como latência na linearidade sintática”.

3 Considerações finais

A pretensão, com este ensaio, foi refletir acerca de alguns apontamentos teóricos propostos por Berrendonner. Iniciou-se com colocações mais genéricas sobre a semântica e sobre o discurso e, a partir daí, partiu-se para uma abordagem mais específica da macrossintaxe, proposta pelo autor como saída para solucionar problemas de desarmonia nas sentenças, os quais não são passíveis de solução numa abordagem sintática tradicional.

Então, viu-se que a macrossintaxe trabalha numa estreita relação com a pragmática e que a enunciação evoca a memória discursiva, com informações que, a cada momento (acontecimento), são validadas pelos interlocutores. Essa relação entre a enunciação e os implícitos – memória discursiva – é predominantemente marcada por apontamento, e não por ligação, como assevera a sintaxe puramente formal.

Referências

BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BERRENDONNER, Alain. Pour une macro-syntaxe. In: *Travaux de linguistique*, Paris, n. 21, p. 25-36, 1990.

BERRENDONNER, Alain. Morpho-syntaxe, pragma-syntaxe, et ambivalences sémantiques. In: ANDERSEN, Hanne Leth & NOLKE, Henning. *Macro-syntaxe et macro-sémantique*. Berne: Peter Lang, 2002.

GUIMARÃES, Eduardo. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas: Pontes, 1995.

LACERDA, Priscila Brasil Gonçalves. Sobre a constituição do objeto de estudos em sintaxe: considerando alguns princípios de Saussure. *Revista Gatilho*, ISSN: 1808-9461, ano VI, volume 11, novembro de 2010. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2010/12/Lacerda.pdf>. Acesso em: 22 de janeiro de 2013.

PÊCHEUX, Michael. O papel da memória. In: ____ *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1997.